

O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA NA PERSPECTIVA DO ESTAGIÁRIO

Amanda Dieguez

RESUMO

O estágio profissional supervisionado em Psicologia tem como objetivo promover o desenvolvimento de habilidades e competências no estudante, embora lhe traga diversas outras experiências e aprendizados, tanto pessoais quanto profissionais. Grande parte dos estágios só se inicia nos anos finais da graduação, não sendo encontradas pesquisas que relatassem estágios nos anos iniciais. O objetivo do presente estudo foi o de identificar o que pode ser aprendido e aperfeiçoado por um estudante de psicologia nos anos iniciais do curso, durante um estágio supervisionado hospitalar em neuroreabilitação de crianças. As participantes foram quatro estagiárias de Psicologia de um hospital de Brasília, que iniciaram o estágio no 3º semestre e encontravam-se no 5º e 6º semestre do curso. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas para coletar informações e reflexões que as participantes tinham a fornecer. As informações coletadas nas entrevistas foram separadas em categorias que permitiram destacar mudanças (como era antes do estágio e como era na época da entrevista). Os resultados permitiram verificar mudanças nas perspectivas em relação à criança, na interação entre criança e estagiário, no papel do mediador, assim como questões relacionadas a medos em relação às interações com as crianças sobre a importância dos conhecimentos teóricos discutidos durante a supervisão e dos crescimentos pessoais proporcionados pelo estágio. Concluiu-se que o conjunto de aprendizados e crescimentos decorrentes de um estágio profissional é constituído por determinações múltiplas, que vão além do âmbito acadêmico apenas, abrangendo também as habilidades interpessoais.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; formação profissional em Psicologia; graduação.

1 INTRODUÇÃO

O estágio profissional supervisionado em Psicologia tem como principal objetivo promover o desenvolvimento de habilidades e competências no estudante, embora lhe traga diversas outras experiências e aprendizados, tanto pessoais quanto profissionais. A psicologia caracteriza-se mundialmente por

uma diversidade teórica, traduzida em inúmeras modalidades de atuação, por vezes, antagônicas, possibilitando muitas lacunas nas informações sobre suas práticas, especialmente com relação aos modelos de ensino destas (Barletta, Fonseca e Delabrida, 2012).

Quando o aluno de Psicologia inicia seus estágios, ainda não dispõe de experiência, mas pode carregar um conjunto de expectativas e opiniões quanto ao seu desempenho e às características do estágio. De acordo com Del Prette, Del Prette e Meyer (2007), essas expectativas e opiniões são formadas com base no senso comum, nos conteúdos previamente estudados (em textos e aulas) e nas eventuais sessões filmadas, no relato de outros terapeutas ou mesmo na experiência de ter se submetido à terapia em algum momento de sua vida, entre outros.

O estudo de Del Prette, Del Prette e Meyer focalizou a relação entre a autoavaliação de habilidades sociais de alunos de Psicologia, suas expectativas quanto ao atendimento terapêutico e sua preferência pelo atendimento de crianças ou adultos. Participaram 67 alunos de terceiro ano, de quatro universidades, que responderam ao Inventário de Habilidades Sociais e a um questionário de expectativas e opiniões sobre atendimento clínico. Os resultados mostraram: (a) maior proporção de preferência para atender adultos, mas maior *intensidade* da preferência por criança; (b) escolha da clientela associada a aspectos positivos do aluno (habilidade, capacidade, facilidade) e do processo terapêutico (atratividade, dificuldades e amplitude da intervenção possível), mas não a *características da clientela* (importância, gravidade e possibilidade de melhora); e (c) escores de habilidades sociais significativamente maiores no grupo que preferiu crianças para o Fator 2: auto-afirmação na expressão de afeto positivo. Esses resultados evidenciam a relevância dos fatores pessoais nas escolhas dos alunos e a importância de promover habilidades sociais profissionais como um dos aspectos da formação de terapeutas (especialmente de crianças), apontando para questões práticas e de pesquisa no campo da formação e da atuação clínica em Psicologia.

Rudnicki e Carlotto (2007) refletiram sobre a inserção do estudante da área da saúde no mercado de trabalho, por meio de seus estágios curriculares e práticas supervisionadas, bem como o impacto destes na saúde mental do aluno. Realizaram uma revisão bibliográfica e chegaram à conclusão de que o estágio não é apenas uma aprendizagem prática na qual o aluno/acadêmico deverá articular a teoria com a prática, mas é também um processo de construção de identidade e de amadurecimento profissional, além de um momento de desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis frente aos estressores típicos das profissões do campo da saúde. É o momento de desenvolvimento de competências interpessoais importantes para a vida pessoal e profissional com sérias repercussões para sua qualidade de vida própria e da população que é alvo da escolha profissional.

O trabalho de Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017) apresentou uma reflexão a respeito da formação profissional em psicologia, com foco no estágio de psicologia hospitalar, com base em revisão bibliográfica. Eles observaram que, apesar do preparo realizado pelo estagiário durante o percurso acadêmico, ao se deparar com a prática, muitas fantasias e inseguranças se tornam presentes, o que pode prejudicar ou auxiliar o estagiário, dependendo da forma como lida com essas questões. Observaram ainda que, além de fatores ligados à relação da teoria e da prática, há também as interrelações pessoais com as quais o estagiário se deparará durante esse percurso, sendo, portanto, de grande importância que ele tenha um ambiente acolhedor e propício para o seu crescimento pessoal e profissional.

Uma pesquisa que também investigou o papel do estágio para a formação do psicólogo na perspectiva discente é a de Santos e Nóbrega (2017). Com fundamento em categorias centrais da Psicologia sócio-histórica como atividade, mediação, aprendizagem, desenvolvimento e consciência, discutiram que os estágios devem ser considerados para além da mera aplicação da teoria, mas devem ser concebidos como uma oportunidade de atividades que favoreçam a formação profissional por um prisma crítico e reflexivo.

Elas realizaram um grupo focal com a participação de seis estudantes de Psicologia, sendo que três delas estavam realizando as práticas de Estágio Básico (7º semestre) e as outras três atuavam no Estágio Específico (9º semestre). Abordaram os seguintes temas: trajetória da formação do aluno de Psicologia, apresentação dos estágios, aspectos dos estágios que contribuem para a formação em Psicologia e relevância dos estágios para a formação em Psicologia. Os resultados indicaram que o estágio exerce um papel relevante por ensejar experiências que contribuem para a formação em Psicologia e permitir aproximações com a prática profissional. Com ele, as estagiárias têm a oportunidade de articular a teoria com a prática, pois, ao serem inseridas em determinados campos, buscam contextualizar a teoria, as discussões em sala de aula, com a realidade encontrada nas instituições e nas comunidades.

Outro aspecto importante que surge, frequentemente, quando se examinam questões ligadas aos estágios em Psicologia, é a supervisão. A supervisão, na visão de Bitondi e Setem (2007), pode ser analisada como uma atividade de ensino-aprendizagem, uma vez que tem como objetivo produzir mudanças no comportamento do aluno, que representariam a aquisição das habilidades terapêuticas. Essa atividade é composta por discussões e reflexões feitas entre estagiários e supervisores sobre o que o estudante vivencia no estágio.

Ribeiro (2006) relata uma experiência de supervisão de estágio em Psicologia hospitalar no curso de graduação. Recorreu à própria vivência como supervisora de estágio em uma universidade, no Estado do Rio de Janeiro. Seu relato enfocou o período de março de 2003 a julho de 2005 e foi baseado nas observações das condutas e falas dos estagiários durante as supervisões. Ao longo desse período, foram observados 26 estagiários, todos do 8º período em diante no curso. Eles apresentaram quatro grandes dificuldades durante o processo de estágio: inserção no contexto hospitalar, contato com o paciente, atuação junto aos familiares e relacionamento com a equipe de saúde. É importante ressaltar que o problema que se refere ao contato com o paciente e a atuação junto aos familiares foi em consequência da diferença que existe

entre o contato que é feito dentro da instituição hospitalar daquele do modelo da clínica tradicional. O espaço institucional não permite a privacidade preconizada pelo modelo clínico e tampouco os seus atendimentos duradouros. Portanto, apesar de a grade curricular nos últimos anos estar se modificando, ainda assim, há a permanência no imaginário do aluno, das referências dadas pela clínica particular, o que causa uma resistência quando em contato com modelos sociais e institucionais. Para cada um desses impasses, foram apresentadas estratégias usadas em supervisão a fim de que esses obstáculos pudessem ser superados. Concluiu Ribeiro que a supervisão de estágio ocupa um papel fundamental na suplantação das dificuldades apresentadas.

Cardoso e Barletta realizaram uma pesquisa em 2010, com o objetivo de conhecer as perspectivas do supervisor de estágio de Psicologia e do supervisionando sobre o processo de supervisão e suas peculiaridades. Para tanto, elaboraram um questionário, que foi respondido por oito supervisores e 23 supervisionandos (estagiários) sobre os objetivos da supervisão e as competências que deveriam ser treinadas. Um aluno apenas estava no nono período do curso, os demais participantes encontravam-se no décimo período. Como resultado, observou-se que tanto os supervisores quanto os supervisionandos entendem que a supervisão tem como objetivo a facilitação da prática profissional por meio de diversas estratégias didáticas. Verificou-se ainda que a supervisão deve permitir a promoção das competências teóricas, técnicas e sociais do aluno terapeuta. O pouco tempo de supervisão, o excesso de atendimento e a interferência institucional foram citados por supervisores e supervisionandos como dificuldades. Os autores concluíram que a supervisão de estágio tem um papel de destaque, pois potencializa um contexto crucial na formação do psicólogo, no desenvolvimento de competências, de postura ética, metodológica, teórica e prática.

O artigo de Barletta, Fonseca e Delabrida (2012) também discute os aspectos da supervisão de estágio, destacando a importância da supervisão clínica como instrumento essencial para o desenvolvimento de competências terapêuticas em terapia cognitivo-comportamental de graduandos de

Psicologia. O texto enfatiza as três dimensões de competência no manejo clínico em TCC: conhecimento, habilidade técnica e habilidade de inter-relação. Investiga as atividades de supervisão necessárias para o desenvolvimento dessas competências. O formato da supervisão, as atividades formativas, a discussão de caso e a relação supervisor-supervisionando foram elencados como fatores essenciais. Por último, aponta-se também como importante a avaliação da aprendizagem e da própria prática educativa.

A comparação dos resultados e conclusões dos estudos citados, apesar de suas especificidades, evidencia convergência dos mesmos no que tange à existência de algumas dificuldades e desafios para os alunos e à ocorrência de diversas mudanças em seus comportamentos e percepções, que vão além dos aprendizados teórico-práticos. Ainda, em todos os casos, o estágio é reafirmado como fundamental no processo de formação de profissionais.

Porém, é importante ressaltar que, em todas as pesquisas consultadas, os estagiários participantes já estavam em seu 4º ano da graduação, não tendo sido encontradas pesquisas que abordassem estágios nos anos iniciais. Isso talvez se deva à percepção dos professores de que somente a partir do 8º semestre da graduação é que os estudantes apresentam o que denominam de maturidade acadêmica para ingressar nos estágios, ou seja, cumpriram um número mínimo de disciplinas básicas para começar as suas atividades como estagiário e cursaram outras que são referências teóricas fundamentais para a prática. Portanto, apesar de os alunos terem cursado anteriormente essas disciplinas, considera-se que eles adquirem uma real dimensão dos fatos apenas quando iniciam o estágio (Ribeiro, 2006).

Uma pesquisa feita por Silva, em 2011, abordou os aspectos subjetivos da formação profissional, com o objetivo de compreender o processo de subjetivação profissional de graduandas de Psicologia de uma universidade pública de Minas Gerais, durante o desenvolvimento da etapa de estágio. Foram entrevistadas três estagiárias do curso de Psicologia durante o estágio profissionalizante e suas respectivas supervisoras, que falaram sobre o processo de *constituição profissional* naquele momento da formação

acadêmica. A pesquisa concluiu que o processo de formação do futuro psicólogo é constituído por determinações múltiplas, que vão além do âmbito acadêmico, indicando o possível rompimento da dicotomia entre dimensão profissional e dimensão pessoal.

Esse estudo de Silva provoca um questionamento da ideia da imprescindibilidade de elevada maturidade acadêmica para ingressar em estágios, ao sugerir que a atuação prática requer mais do que o plano acadêmico, necessitando também das habilidades interpessoais. O objetivo do presente estudo, assim, é o de identificar o que pode ser aprendido e aperfeiçoado por um estudante de psicologia nos anos iniciais do curso, durante um estágio supervisionado hospitalar em neuroreabilitação de crianças. Pretende-se avaliar se as dificuldades, desafios e mudanças de comportamentos e percepções são as mesmas que aparecem nas pesquisas consultadas. Que experiências, aprendizados e reflexões o estudante vivencia ao interagir com as crianças num estágio profissional de Psicologia, nos anos iniciais do curso?

2 PARTICIPANTES

As participantes foram quatro estagiárias de Psicologia de um hospital de Brasília, que participam de um programa de neuroreabilitação de crianças e adolescentes. As estagiárias iniciaram o estágio no 3º semestre e encontravam-se entre o 5º e o 6º semestre do curso de Psicologia de universidades públicas e de faculdades particulares. Todas estavam na faixa etária dos 20-21 anos.

3 PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

As estagiárias foram contatadas pessoalmente para participarem do estudo. No primeiro contato, foi explicado o objetivo da pesquisa e qual seria delas esperado. Todas as quatro estagiárias aceitaram participar e, assim, marcamos os dias e horários para cada uma, de acordo com a sua disponibilidade, para que fossem realizadas as entrevistas. As entrevistas foram individuais e semiestruturadas e destinadas a coletar informações e reflexões

que a participante tinha a apresentar. Na entrevista, foram abordadas os seguintes pontos:

- A visão da estagiária sobre a criança com diagnóstico de Trauma Crânioencefálico (TCE) (qual era, antes do estágio e no momento da entrevista).
- Se houve mudanças no modo de interação com a criança ao longo do tempo e quais seriam
- Se havia medos, ansiedades ou dúvidas em relação ao nosso papel como mediador horizontal e quais seriam os mais frequentes
- Qual seria a importância dos conhecimentos teóricos discutidos nas supervisões e dos conteúdos dos textos que estudados, na hora da interação com a criança e em que momentos esses conhecimentos eram mais importantes
- Se havia questões que são aprendidas durante a interação com a criança, no sentido de ela ensinar algo ainda que sem essa intenção
- Considerando todo o ano de estágio, se houve mudanças/crescimentos no âmbito pessoal, devido às experiências nele ocorridas e quais seriam as mais importantes
- Qual seria a importância do contato com outras áreas da saúde para o entendimento sobre a criança/adolescente e seu processo de reabilitação.
- Como é a interface da psicologia com a pedagogia e o que isso traria de essencial para o grupo funcionar.

Foi realizada apenas uma sessão de entrevista com cada participante, com duração em torno de 20 minutos cada uma. No início da entrevista, foi solicitada uma autorização da participante para o áudio ser gravado, para que assim os dados fossem transcritos posteriormente. Esses dados foram

analisados e divididos em categorias, sendo identificadas suas semelhanças e diferenças.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações coletadas nas entrevistas foram separadas em categorias e nelas foram destacadas eventuais mudanças ocorridas (a situação anterior ao estágio e a posterior). A maioria das categorias foi semelhante em todas as entrevistas.

Na entrevista com a estagiária Fernanda (nome fictício¹), atualmente, cursando o 5º semestre de Psicologia, a primeira categoria foi denominada *sua perspectiva sobre a criança com TCE*. Ela imaginava que eram crianças que considerava “bagunceiras” e problemáticas ou limitadas fisicamente, mas hoje sabe que nem sempre a dificuldade da criança será comportamental e que a interação com ela não está limitada a capacidades físicas. A segunda categoria, *seu comportamento na interação com a criança*, antes, era ir com um *script* pronto de comportamento próprio, que esperava que a criança apresentasse e, agora, aprendeu a esperar o surgimento das demandas para saber como agir. A terceira categoria, *a perspectiva sobre si na relação com a criança*, mostrou que ela sempre se apresentou como o par mais capaz da interação. Hoje, nem sempre se mostra assim, pois muitas vezes não é realmente.

A segunda entrevista foi com a estagiária Clara (5º semestre de Psicologia) e nela foram destacadas duas categorias. A primeira, *perspectiva sobre o diagnóstico de TCE*, indicava que, para ela, as sequelas eram todas parecidas e suas consequências eram globais e incapacitantes. Hoje, sabe que as sequelas podem se manifestar de inúmeras maneiras e afetar diferentes áreas, funções e comportamentos. A segunda categoria, *perspectiva sobre si na relação com a criança*, mostrava que estaria ali para ensinar várias coisas à criança, pois possuía mais conhecimento. Hoje, percebe que as crianças

¹ Os nomes de todas as estagiárias são fictícios.

apresentam várias possibilidades e visões de mundo diferentes e que também nos ensinam.

A terceira entrevista, com a Rebeca (6º semestre de Psicologia), apresentou três categorias também, sendo elas as mesmas da entrevista com a Fernanda. Ao indicar *sua perspectiva sobre a criança com TCE* demonstrou entender que seriam crianças com velocidade de processamento mais lenta e que precisariam de muito suporte e mediação para conseguirem fazer as atividades. Hoje, vê que cada criança tem suas próprias características e que não é possível generalizar. A *perspectiva sobre si na relação com a criança* era de que sempre seria o par mais capaz da díade e, hoje, não se vê mais assim, pois muitas vezes, a criança sabe muito mais que ela. Por fim, a terceira, *seu comportamento na interação com a criança* era o de fazer as coisas pela criança, pois achava que sabia o que era melhor para ela. Hoje, observa mais a criança e vê como está agindo na situação, para assim fazer perguntas e estimular uma reflexão da criança sobre o próprio comportamento.

A última entrevista, com a Raiana (6º semestre de Psicologia), apresentou cinco categorias, sendo duas delas novas. A primeira, *sua perspectiva sobre o diagnóstico de TCE* era de que não fazia ideia do que era e muito menos as consequências do diagnóstico no desenvolvimento da criança. Hoje, tem noção sobre o TCE e suas possíveis consequências na vida da criança. A segunda, *sua perspectiva sobre a criança com TCE* era de que seriam crianças muito debilitadas, que usariam cadeiras de rodas, além de achar que teriam algo como retardo mental e, agora, enxerga as crianças com TCE como indivíduos extremamente capazes, que só precisam de um pouco mais de mediação e, às vezes, de um ambiente mais controlado do que as crianças que não possuem esse comprometimento.

A terceira categoria, *seu comportamento na interação com a criança* era de que não sabia muito bem como interagir. Então, tentava interagir como se fosse uma criança qualquer, usava uma linguagem simples e, para estabelecer uma relação horizontal, usava uma linguagem descontraída, com gírias, etc. Hoje, com base em suas experiências, já está aprendendo a realizar melhor as

interações, usa uma linguagem direta e objetiva, o que facilita a comunicação com as crianças. A quarta categoria, *seus sentimentos sobre os comportamentos da criança* eram os de não conseguir entender muito bem os comportamentos, via as inflexibilidades e a falta de autorregulação e a desinibição como “birra”, “chatice” e malcriação e isso a deixava irritada. Hoje, sabe que muitos desses comportamentos, senão todos, são devidos à lesão. Então, consegue compreender melhor, o que faz com que saiba atuar de forma mais adequada também. A última categoria, *sua perspectiva sobre a deficiência* era de ser algo horrível e “sentia pena” dos deficientes que via e de suas famílias. Hoje, enxerga a deficiência de maneira totalmente diferente. Sabe que realmente é um obstáculo, mas que traz muitas coisas boas e que se deve tentar empreendê-la de um ângulo otimista e não pessimista, focando nas novas possibilidades.

Nessas entrevistas também surgiram outras questões além das citadas, como medos em relação às interações com as crianças, a importância dos conhecimentos teóricos discutidos durante a supervisão e os crescimentos pessoais ocasionados pelo estágio. Dentre os medos, surgiram principalmente o de não interagir de forma eficiente e o de sair do papel horizontal para o papel de autoridade ou de assistência.

Os pontos indicados sobre a importância dos conhecimentos teóricos e a supervisão foram que esses servem como base para a estrutura das interações com as pessoas envolvidas e para a formulação de objetivos, além de serem importantes para a nossa compreensão das crianças, como funcionam e o porquê. A importância da supervisão mostrou-se, principalmente, por tornar possível o compartilhar de conhecimentos e técnicas e promover reflexão sobre os próprios comportamentos e os comportamentos das colegas.

Dentre os crescimentos pessoais, foram citados, principalmente, mudanças nas interações interpessoais do dia a dia, na aceitação dos próprios limites e dos limites dos outros e a desconstrução de preconceitos em relação à deficiência. É possível comparar esses resultados com os fatos encontrados na literatura e nas pesquisas consultadas. Sobre as habilidades sociais, verificou-se

que, quando se trata do atendimento às crianças, elas devem ser muito mais desenvolvidas e se mostram como um ingrediente essencial para o sucesso da interação, assim como Del Prette, Del Prette e Meyer (2007) concluíram.

Quanto ao conjunto de expectativas e opiniões do estudante, no início do estágio, verificou-se, principalmente em relação à visão sobre a criança e o diagnóstico, que eram basicamente formadas com base no senso comum, como já mostrado por Del Prette, Del Prette e Meyer (2007). Também é possível relacionar essas expectativas e posteriores dificuldades às referências do modelo clínico que as estudantes adotavam. Os pré-conceitos que as estagiárias criaram sobre a criança e sobre o diagnóstico podem advir de um modelo clínico tradicional, muito visto ainda dentro das instituições de ensino e formação de Psicologia, como citado no estudo de Ribeiro (2006).

Foi possível identificar, inclusive, o processo de construção de identidade, de amadurecimento profissional e o desenvolvimento de competências interpessoais importantes para a vida pessoal, citado por Rudnicki e Carlotto (2007), no momento em que as participantes relataram sobre suas mudanças pessoais, abordando questões como a aceitação de seus limites e dos limites dos outros, desconstrução de preconceitos em relação à deficiência e às próprias mudanças de comportamento em relação às crianças. Outro aspecto percebido, como visto também na pesquisa de Santos e Nóbrega (2017), foi que as estagiárias tiveram a oportunidade de articular a teoria com a prática ao se inserirem no campo, pois buscaram contextualizar a teoria e as discussões em sala de aula com a realidade encontrada na instituição.

O aspecto apontado por Freitas, Figueiredo e Barbosa (2017) sobre as fantasias e inseguranças se tornarem presentes, apesar do preparo realizado pelo estagiário durante o percurso acadêmico, também foi observado no relato das estagiárias, quando abordaram a questão dos medos e desafios presentes ao trabalhar na prática os conceitos teóricos.

A supervisão de estágio também foi considerada de grande importância pelas participantes desta pesquisa, assim como apontado por Bitondi e Setem

(2007), Ribeiro (2006) e Cardoso e Barletta (2010). As indicações de que a supervisão é capaz de proporcionar competências teórica, técnica e social do aluno terapeuta, que tem como objetivo produzir mudanças no comportamento do aluno e de que são apresentadas estratégias, durante a supervisão, para que obstáculos possam ser superados, mostraram-se semelhantes neste estudo e nos artigos consultados.

É possível concluir, pelos resultados, o mesmo que Silva (2011), a saber, que o conjunto de aprendizados e crescimentos decorrentes de um estágio profissional é constituído por determinações múltiplas, que vão além do âmbito acadêmico, abrangendo também as habilidades interpessoais. Neste estudo, as participantes foram estagiárias que começaram o estágio no terceiro semestre e estão, atualmente, na metade do curso. Elas mostraram que a experiência de estágio promoveu tanto habilidades profissionais, sociais e pessoais, quanto avanços no sentido teórico-prático de suas formações. É importante, para um aprofundamento do estudo, que sejam feitas pesquisas com estudantes em outros tipos de estágio, assim como de outros cursos, no intuito e entender como se dá esse processo de forma mais abrangente.

REFERÊNCIAS

BARLETTA, J. B.; FONSECA, A. L. B. e DELABRIDA, Z. N. C. (2012) A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 153-167.

BITONDI, F. R. e SETEM, J. (2007) A Importância das habilidades terapêuticas e da supervisão clínica: uma revisão de conceitos. *Revista Uniara*, n. 20, pp. 203-212.

CARDOSO, B., M., e BARLETTA, J. B. (2010) A supervisão de estágio na Psicologia Clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde* - v. 12 - n.12. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301675000>.

DEL PRETTE, G.; DEL PRETTE, Z. A. P. e MEYER, S. B. (2007) Psicoterapia com crianças ou adultos: expectativas e habilidades sociais de graduandos de psicologia. *Estudos de Psicologia*, vol. 24, n. 3, pp. 306-314.

FREITAS, E. S.; FIGUEIREDO, R. E BARBOSA, M.F. (2017) A atuação do aluno de psicologia no estágio de hospitalar. *UDANÇAS – Psicologia da Saúde*, v. 25(2), p. 45-50.

RIBEIRO, G. C. (2006) A supervisão de estágio em psicologia hospitalar no curso de graduação: relato de uma experiência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (3), 516-523. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021746014>> 2006.

RUDNICKI, T. e CARLOTTO, M. S. (2007) Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*,10(1), 97-110.

SANTOS, A. C., e NÓBREGA, D. O. (2017) Dores e Delícias em ser estagiária: o Estágio na Formação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 515-528.

SILVA P. V. (2011) O processo de subjetivação profissional durante os estágios supervisionados em psicologia. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17147/1/d.pdf> > 2011.